

Lisa e Renato

Márcio G. P. Garcia¹

Lisa DeNell Cook, nascida em 1964 na Geórgia, tornou-se em 2022 a primeira mulher negra a integrar o Conselho de Governadores do *Federal Reserve*, em seus 108 anos de história. Sua formação acadêmica começou no *Spelman College*, em Atlanta, onde se graduou em física e filosofia como bolsista Truman, tendo sido também a primeira bolsista Marshall da instituição. Posteriormente, obteve PhD em economia pela Universidade da Califórnia em Berkeley, sob orientação de Barry Eichengreen.

Antes de sua nomeação para o Fed, Cook era professora de economia e relações internacionais na Michigan State University, onde desenvolveu pesquisas sobre inovação, crescimento econômico e os impactos da discriminação no desenvolvimento tecnológico. Sua experiência inclui passagens pelo Conselho de Assessores Econômicos da Casa Branca durante o governo Obama e trabalhos de consultoria para o Banco Mundial e outras organizações internacionais. Quando a ela foi apresentado há alguns anos, Lisa contou-me ter feito um intercâmbio estudantil no Paraná e, gentilmente, arranhou algumas palavras em português.

Recentemente, Lisa tornou-se pivô de grave crise institucional, envolvendo a Casa Branca e o Fed. Alegando que Lisa teria cometido fraude numa operação de financiamento hipotecário que fizera quando era professora, Trump determinou sua demissão do cargo. A alegação é que Lisa teria pedido dois empréstimos hipotecários, declarando ambas as residências como “residência principal”, o que lhe traria uma menor taxa de juros e vantagens tributárias. Lisa contestou as alegações na justiça, que lhe permitiu continuar exercendo sua função. Nesta semana, o governo Trump tentou novamente afastar Lisa antes da reunião do Fed nesta semana, alegando que o presidente teria autoridade legal para demitir membros do Fed “por justa causa”. Mas o tribunal de apelação reiterou a decisão de que Lisa pode permanecer no cargo até a decisão final da justiça.

É justamente aí que reside a enorme relevância de um episódio aparentemente de menor importância. Caso Trump consiga afastar Lisa de seu cargo, terá dado um passo decisivo para, de fato, desmoralizar a independência do Fed.

Não é incomum que governantes gostem de juros baixos para estimular a economia, de olho nos benefícios eleitorais a extrair, sem levar devidamente em conta as consequências danosas da aceleração da inflação. Já tendo declarado que iria demitir o presidente do Fed, Jerome Powell, Trump voltou agora suas baterias contra Lisa. Ele acaba de nomear seu aliado Stephen Miran em substituição a uma outra diretora que recentemente renunciou abruptamente ao cargo, e já conta com outros dois nomes no Conselho de Governadores, nomeados em seu primeiro mandato. Como o conselho é composto por sete membros, se Trump vier a nomear o substituto de Lisa, teria o controle do Conselho, e poderia potencialmente influenciar de forma decisiva a política monetária.

¹ Professor Titular, Departamento de Economia da PUC-Rio, Pesquisador Afiliado da MIT Sloan School of Management, Pesquisador Sênior do CNPq e Cientista Nosso Estado da FAPERJ, escreve mensalmente neste espaço. (<https://sites.google.com/view/mgpgarcia>).

A independência do Fed é fundamental para os EUA e para o sistema financeiro internacional, baseado no dólar. Caso a credibilidade com que conta o Fed para manter a inflação sob controle seja colocada em dúvida, o próprio papel do dólar norte-americano como moeda reserva internacional será colocado em dúvida. Isso é o oposto do que Trump afirma querer, mas ele não parece se dar conta do monumental equívoco.

Guardadas as devidas proporções, ensaiou-se há algumas semanas uma ameaça similar ao Banco Central do Brasil. Renato Dias de Brito Gomes, de 44 anos, assumiu em 2022 a diretoria de Organização do Sistema Financeiro e de Resolução do Banco Central do Brasil (BC). Carioca, Renato construiu sua formação acadêmica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde se graduou em economia em 2005 e, em seguida, concluiu o mestrado na mesma área. Posteriormente, obteve PhD em economia pela Northwestern University, nos Estados Unidos, em 2010.

Sua carreira acadêmica internacional incluiu posições na Toulouse School of Economics, na França, onde é professor licenciado de economia e pesquisador do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica francês). Antes de retornar ao Brasil para assumir o cargo no BC, Renato era professor titular em Toulouse e fellow do Centre for Economic Policy Research (CEPR), com pesquisas reconhecidas internacionalmente em economia industrial e teoria dos contratos.

No mês passado, Renato Gomes tornou-se alvo dos interesses envolvidos na peculiar transação de compra do Banco Master pelo BRB (Banco Regional de Brasília). No dia 3 de setembro, o BC anunciou o indeferimento da operação, sob orientação da diretoria de Renato Gomes, que elaborou o voto. O fato de o BC não se curvar a pressões políticas tão espúrias chegou a dar origem a um descabido projeto de lei que permitiria a demissão dos diretores do BC pela Câmara e pelo Senado, sem justificativa bem definida, pretensamente quando a condução das atividades no BC fosse “incompatível com os interesses nacionais”. Segundo notícias, seguem as pressões para que o BC autorize o negócio sob outra forma (<https://encurtador.com.br/yQsfp>).

É emblemático que Lisa e Renato, dois diretores dos respectivos bancos centrais, nos EUA e aqui, personifiquem a batalha pela manutenção da independência de suas instituições, neste momento de grave ataque generalizado aos sistemas de freios e contrapesos das democracias. No caso dos bancos centrais, a batalha continuará nos próximos meses. Nos EUA, mesmo que oxalá a justiça não permita que Trump demita Lisa Cook, ele terá o direito de indicar ao Senado o nome do novo presidente do Fed Board que substituirá Jerome Powell, cujo mandato expira em 15 de maio de 2026.

Por aqui, o mandato de Renato Gomes acaba no final deste ano. É fundamental que Lula indique alguém com qualificação intelectual e firmeza equivalentes às do atual diretor, para garantir que o Banco Central possa continuar a bem salvaguardar os interesses nacionais, ao abrigo de interesses espúrios.